

ORIENTE MÉDIO / Para 169 ONGs internacionais, a distribuição de alimentos e mantimentos sob controle dos EUA e de Israel causa insegurança para os palestinos, uma vez que vários ataques ocorreram enquanto aguardavam na fila

ONGs cobram rigor na ajuda a Gaza

» RENATA GIRALDI

A ajuda humanitária é um desafio à sorte em Gaza. Muitos ataques ocorrem justamente quando há fileiras gigantescas à espera de comida, água, mantimentos e agasalhos. Inconformados com a sequência de agressões, 169 organizações não governamentais (ONGs) apelam para acabar com o sistema de distribuição atual, sob comando de israelenses e norte-americanos. Sem entrarem em detalhes sobre empecilhos e eventuais imposições, as entidades querem o retorno do método, que funcionava até março, quando a distribuição era responsabilidade de várias ONGs e agências das Nações Unidas.

A Organização das Nações Unidas (ONU) e a maioria das ONGs que operam em Gaza se recusam a trabalhar com a Fundação Humanitária de Gaza (GHF, na sigla em inglês) cujos métodos e neutralidade são questionados. O documento divulgado pelas ONGs reúne signatários da Europa, Estados Unidos e de Israel, que operam em âmbitos como saúde, alimentação, desenvolvimento e proteção dos direitos humanos. Em comunicado, as 169 ONGs afirmam que mais de 500 palestinos morreram e cerca de 4 mil ficaram feridos ao tentar acessar os pontos de ajuda humanitária gerenciados pela GHF em menos de quatro semanas.

Sob a mira de bombardeios desde outubro de 2023 quando o Hamas e Israel passaram a se enfrentar, Gaza se tornou um território devastado. Para as ONGs, não é possível manter a coordenação da GHF. “As ONGs exigem uma ação imediata para colocar fim ao programa israelense de distribuição de ajuda em Gaza, que deixou numerosos mortos”, informaram em um texto conjunto.

Desde 26 de maio, a GHF distribui ajuda em quatro pontos específicos. De acordo com o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo grupo Hamas, mais de 500 palestinos morreram ao longo desse período. Porém, em comunicado, segundo o *The Guardian*, a entidade afirma que entregou 53 milhões de refeições na região e que trabalha para alimentar inocentes. “Em vez de discutir e trocar insultos nos bastidores, gostaríamos de receber outros grupos humanitários para se juntarem a nós e alimentarem as pessoas em Gaza”, informou em texto.

O Exército israelense reconheceu que abriu fogo contra palestinos perto de pontos de distribuição de ajuda, alegando que seu comportamento representava uma “ameaça”.

Anteontem, 24 pessoas morreram durante o ataque ao café Al-Baqá, perto do porto da Cidade de Gaza, lotado no momento do bombardeio. Havia crianças e idosos, além de mulheres. De acordo com o *The Guardian*, as Forças de Defesa de Israel (IDF) informaram que promovem uma revisão ao ataque, no qual afirmaram ter atingido “vários terroristas do Hamas no norte da Faixa de Gaza”.

Proibições

De acordo com a ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF), a situação humanitária na Faixa de Gaza não tem precedentes nas numerosas experiências dos profissionais de saúde que atuam na entidade. Eles relatam que adultos, crianças e idosos são obrigados a viver em um espaço cada vez menor e sem condições. Os bloqueios para o ingresso de suprimentos e acesso é cada vez mais restrito até mesmo aos itens

AFP



Crianças palestinas comem após ganharem uma refeição quente em um ponto para recebimento de alimentos em Nuseirat

Guerra

Irã pressiona “traidores”

Após 12 dias de guerra com Israel, o Irã determinou prisões e execuções, além de um forte esquema de investigação, segundo organizações civis de defesa de direitos humanos. As entidades afirmam que ativistas e integrantes de minorias foram presos nas ruas ou em casa. A Press TV, emissora oficial do Irã, informou que 50 pessoas suspeitas de espionagem pró-israelenses foram detidas.

As autoridades relataram a prisão de três europeus, dois deles acusados de colaborar com a inteligência israelense. “Como um animal ferido, a República Islâmica responde a qualquer ameaça que perceba no país com força letal”, afirma Hadi Ghaemi, diretor executivo do Centro de Direitos Humanos no Irã (CHRI), em Nova York.

ONGs especializadas no Irã também alertam para ações contra certas minorias, como curdos, judeus e bahá’ís, religião com berço espiritual na cidade israelense de Haifa. O grupo Hengaw, com sede na

Noruega, afirma que cerca de 300 curdos foram presos nessa onda de repressão. “As cidades curdas sofreram uma parcela desproporcional dessa repressão”, afirma esta ONG especializada na população curda do oeste e noroeste do Irã.

A Iran Human Rights, uma organização com sede na Noruega, relatou que seis pessoas foram enforcadas sob a acusação de espionagem para Israel desde o início do conflito, em 13 de junho. Há, ainda, relatos de mil presos por atos relacionados à guerra e execuções por acusações diversas.

Na lista de detidos, estão Hosein Ronaghi, defensor da liberdade de expressão, o rapper Toomaj e o ativista Arash Sadeghi. Eles ficaram horas atrás das grades, depois foram libertados após sessões tensas de interrogatórios. Roya Boroumand, diretora-executiva da organização americana Centro Abdorrahman Boroumand para os Direitos Humanos no Irã,

diz que Teerã tenta suprimir o “golpe humilhante” desferido por Israel.

O conflito, que deixou pelo menos 935 mortos no Irã, segundo um porta-voz judicial. “Para manter o controle e impedir que seus opositores dentro do país se organizem e mobilizem suas forças, os líderes iranianos recorrem ao medo. E podem estar apenas começando”, afirmou a ativista Ronaghi. Segundo ela, comportamento semelhante ocorreu, entre 1980 a 1988, na guerra com o Iraque.

De acordo com as ONG, 35 membros da comunidade judaica iraniana, que soma cerca de 10 mil, foram convocados para interrogatório nos últimos dias, segundo a Agência de Notícias de Ativistas de Direitos Humanos, com sede nos Estados Unidos. O o site de notícias IranWire relata que as forças de segurança invadiram dezenas de casas pertencentes a membros da minoria religiosa bahá’í durante e após a guerra. (RG)

500

Mortos em filas de apoio

feriram outros 463, segundo dados do Ministério da Saúde controlado pelo Hamas na terça-feira. Ataques aéreos deixaram anteontem 30 mortos em um café à beira-mar, e tiros deixaram 23 mortos enquanto palestinos tentavam obter ajuda, disseram testemunhas e autoridades de saúde.

O Ministério da Saúde informou que quatro corpos também foram exumados, com o número total de mortos na guerra chegando a 56.647. Desde o reinício dos combates em março, o órgão relatou 6.315 palestinos mortos e 22.064 feridos.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

"É preciso conviver com o calor", diz ONU

A Organização Meteorológica Mundial (OMM) alerta que o mundo terá que aprender a conviver com as ondas de calor, enquanto a Europa enfrenta altas temperaturas há dias. “Como resultado da mudança climática causada pelo homem, o calor extremo está se tornando mais frequente e intenso. É algo que temos que aprender a conviver”, disse a porta-voz da OMM, Clare Nullis. “O que podemos esperar para o futuro? Mais do mesmo, até pior”, acrescentou.

A porta-voz se referiu a um “assassino silencioso”, alertando que o número de mortes relacionadas ao calor costuma ser subnotificado nas estatísticas oficiais, em comparação, por exemplo, com as mortes por ciclones tropicais. “É importante observar que toda morte relacionada ao calor é evitável: temos o conhecimento, temos as ferramentas, podemos salvar vidas”, enfatizou.

Segundo a agência da ONU, alertas precoces e planos de ação coordenados são cruciais para proteger as pessoas. A onda de calor na Europa Ocidental se deve a vários fatores, como o “ar quente do Norte da

África” e o aumento da temperatura da superfície do mar no Mediterrâneo, “que tende a intensificar as temperaturas extremas” em terra, explicou Nullis.

A onda de calor intenso que atinge o sul da Europa nos últimos dias muda hábitos, costumes e põe em alerta os principais cartões-postais do continente. Em Paris, o último andar da Torre Eiffel foi fechado temporariamente, assim como escolas estão sem funcionar. Nos Países Baixos, as aulas também foram suspensas. Os termômetros ultrapassam os 40°C em vários locais, sobretudo na Itália, em Portugal, na Espanha, na Grécia e na Croácia.

Para especialistas europeus, o calor é chamado de “assassino silencioso”. Nem Alemanha, Áustria e Suíça escapam às altas temperaturas. Portugal também bateu um recorde de temperatura para o mês de junho, com 46,6° C registrados no domingo em Mora, a 100 quilômetros de Lisboa, segundo o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA).

Em algumas regiões da França são esperadas temperaturas superiores a 40° C, informou o serviço meteorológico

Météo-France. Em Bruxelas, o Atomium, um dos monumentos mais visitados da Bélgica, fechou durante várias horas porque suas bolas de aço superaqueceram, com termômetros passando dos 37° C.

Mais de 1.300 escolas na França mandaram seus alunos para casa nos últimos dias do ano letivo, assim como nos Países Baixos, onde as escolas de Roterdã diante da previsão dos termômetros atingirem 38°C. “Esse evento é incomum porque é extremo, (ocorre) muito no começo da temporada de verão, e certamente piorou com a mudança climática”, disse Samantha Burgess, climatologista do observatório europeu Copernicus.

Assassino silencioso

O nome de “assassino silencioso” para o calor, dado pelo europeus, deve-se às ondas de altas temperaturas registradas em 2022 e 2003. Há três anos, 70 mil morreram, enquanto há pouco mais de duas décadas, foram 61 mil mortes, principalmente de idosos. As pessoas em situação de rua são as que mais sofrem.

AFP



Jovem em tom de cor-de-rosa se protege do sol em frente ao Coliseu em Roma

Em Amsterdã, na Holanda, autoridades organizaram cuidados para os idosos, enquanto em Barcelona foi ativado um protocolo para distribuição de água para os sem-teto. Em Terragona, na Espanha, uma criança, de 2 anos, foi encontrada morta

depois que o pai a esqueceu dentro do carro fechado. Na Turquia e na Grécia, a atenção está redobrada para o risco de incêndios florestais. Mais de 50 mil pessoas foram retiradas de casa por causa das ameaças, a maioria em Esmirna.

Três perguntas para

RENATA REIS, DIRETORA-EXECUTIVA DE MÉDICOS SEM FRONTEIRA- BRASIL

Divulgação/MSF



Como fica a situação da população em Gaza diante da pressão dessas 169 ONGs?

O sistema que operava antes do estabelecimento da fundação patrocinada por EUA e Israel conseguia distribuir de maneira eficiente ajuda à população de Gaza. O que ocorre agora é a instrumentalização da ajuda humanitária como ferramenta de apoio aos objetivos militares de Israel, encurralando a população de Gaza em uma área cada vez mais restrita do território, em uma ação clara de limpeza étnica. Também há massacres quase diários da população desesperada, que podem configurar crimes de guerra. A distribuição de ajuda humanitária tem de ser retomada de forma neutra e imparcial.

Quais são os principais entraves para a ajuda em Gaza?

A entrada de ajuda em Gaza é extremamente limitada. Mesmo antes do bloqueio mais recente, MSF já tinha que enfrentar um processo burocrático moroso e extremamente detalhado. Há diversos itens proibidos que são automaticamente vetados para o ingresso em Gaza e todas as cargas são minuciosamente inspeccionadas. Mesmo que tenhamos obtido autorização prévia para um determinado carregamento, o funcionário israelense de turno na fronteira pode decidir pela retenção da carga, sem apresentar qualquer explicação. O bloqueio israelense foi parcialmente relaxado, mas a quantidade de material que ingressa é uma gota no oceano. MSF conseguiu nas últimas semanas ingressar quatro caminhões em Gaza com analgésicos, antibióticos, solução salina, gaze e luvas — suprimentos extremamente básicos.

Como os líderes mundiais poderiam ajudar nessa situação?

O que assistimos é uma enorme hipocrisia e inação por parte da maioria dos países com alguma possibilidade de influência sobre o governo israelense. Mesmo países europeus que têm criticado a maneira como Israel tem agido durante a guerra continuam fornecendo armas ao país. Armas essas que matam, ferem e mutilam os pacientes que recebemos em nossos hospitais. É absolutamente urgente a adoção de um cessar-fogo duradouro em Gaza, com ingresso irrestrito de ajuda humanitária ao território. **(RG)**